



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO À DISTANCIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

JOSE MARIANO CAVALCANTE SILVA

PRECONCEITO LINGUISTICO: FENÔMENOS SOCIOLINGUISTICOS

CAJUEIRO

2022



JOSE MARIANO CAVALCANTE SILVA

PRECONCEITO LINGUISTICO: FENÔMENOS SOCIOLINGUISTICOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Diretoria de Educação a Distância (DIREAD) do IFAL como requisito para a obtenção do diploma de Professor de Língua Portuguesa no Curso de Licenciatura em Português, na Modalidade à Distância, sob a orientação da Profª Drª Josefa Maria Paixão Soares.

**CAJUEIRO- AL
2022**

S586p

Silva, José Mariano Cavalcante.

Preconceito linguístico : fenômenos sociolinguísticos / José Mariano Cavalcante Silva. – 2022.
(1 arquivo : 659 kilobytes).

Arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 23 folhas.

Inclui bibliografia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Josefa Maria Paixão Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Português) – Instituto Federal de Alagoas, Universidade Aberta do Brasil, Polo Cajueiro, 2022.

1. Linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Sociolinguística. 4. Regionalismo. I. Título.

CDD: 410

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSE MARIANO CAVALCANTE SILVA

PRECONCEITO LINGUISTICO: FENÔMENOS SOCIOLINGUISTICOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Diretoria de Educação a Distância (DIREAD) do IFAL como requisito para a obtenção do diploma de Professor de Língua Portuguesa no Curso de Licenciatura em Português, na Modalidade à Distância, sob a orientação da Prof^a Dr^a Josefa Maria Paixão Soares.

Prof.^a Dr.^a Josefa Maria Paixão Soares (Orientadora)

Prof.^a Me Ana Deuza de Amorim Gonzaga (Examinadora)

Prof.^a Esp: Luziana Mercia Ferreira Medeiros (Examinadora)

Aos meus filhos, Héliida Maria Mendes Cavalcante, Carla Sofia Mendes Cavalcante e Luiz Mariano Cavalcante da Silva Neto; Aos meus irmãos, que confiaram em mim, e não mediram esforços quando mais precisei durante minha caminhada, não só em meus estudos, como nos outros ramos de minha vida...

...A todos que fizeram parte desta vitória, amigos, técnicos, professores, orientadores, que se dedicaram junto a mim para realização do meu sonho e para criar momentos que jamais esquecerei.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pai todo poderoso criador do céu e da terra, que sempre me deu forças, iluminando sempre meu caminho, principalmente quando mais precisei. Ele tem me abençoado todos os dias da minha vida, Obrigado, Pai misericordioso.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Josefa Maria Paixão Soares pela sua atenção, boa vontade, orientação e pela oportunidade de integrar esse grandioso projeto, além da transmissão de seus conhecimentos no qual sou infinitamente grato.

A todos os meus amigos do Curso de Letras-Português, pela amizade e companheirismo durante esses anos e que vou levá-los para sempre em meu coração.

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema: “Preconceito Linguístico: Fenômenos Sociolinguísticos” investigando suas ocorrências e sua transformação no meio acadêmico. A proposta foi realizar uma análise teórica sobre o tema e suas variações e como elas influenciam nas relações interpessoais da comunidade que estão inseridas e que influencia ela traz para essas relações. Conforme a revisão aborda os diversos tipos de preconceitos, como eles se desencadeiam na sociedade e no meio escolar e porque há essa discriminação ainda e de que forma ela afeta a sociedade já que não existe apenas uma comunicação correta para ser falada, a contribuição das comunidades em preservar seu modo de se comunicar. A partir disso, durante a pesquisa houve uma busca em defender que não há apenas uma forma de se comunicar e que as comunidades podem contribuir para a preservação e disseminação das variações linguísticas a forma que elas se inserem na sociedade e a partir da sala de aula discutir sua importância. O motivo se deu ao observar que era ensinado a forma correta de se comunicar e de se expressar e que geralmente essa forma correta não abarcava os costumes de uma região, localidade e cultura e que sempre era pela ótica formal a que é passada no ensino formal desprezando o estudo não formal também, pois é tão importante quanto. Dessa forma, pretendo mostrar que a variação linguística está presente na sociedade e é de grande importância e ensinamentos a todos nós quanto educadores e sociedade em geral para preservar e inserir no meio da educação formal, pois assim ajudará a mitigar preconceitos no uso da linguagem com a contribuição dos principais atores e das diversas formas de disseminação de ensinamentos e fazer cidadãos conscientes e justos, reflexivos e multiplicador de conhecimento e consciência social.

Palavras-chave: preconceito das linguagens; ensino; regionalismo.

ABSTRACT

The present work addresses the theme: "Linguistic Prejudice: Sociolinguistic Phenomena" investigating its occurrences and its transformation in the academic environment. The proposal was to carry out a theoretical analysis on the theme and its variations and how they influence the interpersonal relationships of the community that are inserted and what influences it brings to these relationships. As the review addresses the different types of prejudice, how they are triggered in society and in the school environment and why there is still this discrimination and how it affects society since there is not just a correct communication to be spoken, the contribution of communities to preserve their way of communicating. From this, during the research, there was a search to defend that there is not only one way to communicate and that communities can contribute to the preservation and dissemination of linguistic variations the way they are inserted in society and from the classroom. discuss its importance. The reason was when observing that the correct way of communicating and expressing oneself was taught and that generally this correct way did not encompass the customs of a region, locality and culture and that it was always from the formal perspective that it is passed on in formal education. disregarding non-formal study as well, as it is just as important. In this way, I intend to show that linguistic variation is present in society and is of great importance and teachings to all of us as educators and society in general to preserve and insert it in the middle of formal education, as this will help to mitigate prejudices in the use of language with the contribution of the main actors and the different ways of disseminating teachings and making citizens aware and fair, reflective and multiplier of knowledge and social awareness.

Keywords: language bias; teaching; regionalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	Error! Bookmark not defined.
1.1.OBJETIVOS	9
2. REVISAO BIBLIOGRAFICA	10
2.1- Importância do Estudo sobre Preconceito Linguístico	10
2.2- Importância das Variações na Educação Formal	Error! Bookmark not defined.2
2.3- Educação Popular como Forma de Combater Preconceitos	Error! Bookmark not defined.4
2.4- Descrição do Preconceito Sociolinguístico	Error! Bookmark not defined.
2.5- Descrição do Preconceito Regional	17
2.6- Descrição do Preconceito Cultural	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

Introdução

Por dentro da Sociolinguística, podemos verificar as questões sobre a heterogeneidade linguística, social e cultural de uma determinada comunidade linguística. Assim sendo, traz-se uma discussão acerca do preconceito linguístico em relação aos falantes do Português Não Padrão, levando em consideração os fatores culturais e sociais desses sujeitos, considerando e analisando a questão do preconceito linguístico muitas estão ligadas a fatores econômicos e ao uso da escolaridade como fator responsável por segmentar grupos. Diversos julgamentos pela forma como determinado grupo fala é vista em diversos lugares seja em escolas as quais deveriam cuidar para que isso não acontecesse e demais lugares que são frequentados por pessoas que usam seu modo de falar peculiar em busca de empregos e formas de socialização ao frequentar esses locais faz com que ocasione julgamento. Normalmente, ao buscarmos uma reflexão em torno da norma padrão, negando a existência de vários tipos de comunicação estaremos causando grandes problemas à sociedade.

Ademais conhecer que essas variações são importantes e devem ser respeitadas e enaltecidas contribui para aumentar o conhecimento e respeito e ao buscar uma reflexão em torno da norma padrão, da variação linguística e do preconceito linguístico no estudo tanto formal como não formal faz com que um cidadão segregado por apresentar sotaque de uma determinada região continuará sendo visto de forma estereotipada, essa visão que traz muitos motivos de humilhação e faz essas pessoas acharem que pertencer a uma localidade, cultura é ruim e deve ser evitada.

O que mais motivou realizar a pesquisa acerca da temática do Preconceito linguístico foi uma necessidade teórica e prática percebida em sala de aula. Como resultado dessa pesquisa foi mostrar o método ultrapassado de padronizar as pessoas, defendida por diversos gramáticos conhecidos como tradicionais, Caracterizar a problemática acerca da norma correta de falar e trazer à tona que o conhecimento não formal é indispensável e que os que defendem o uso da língua escrita como a falada correta e desprezando as variações está ultrapassado, pois a língua é dinâmica e a história deve ser preservada. Diante do exposto o trabalho tem como **Objetivo Geral** : Refletir sob uma discussão teórica em torno do tema preconceito linguístico e seus encadeamentos, como se dá a presença desse fenômeno e caso possível formas de minimizar em sala de aula, de sorte que com o auxílio de toda a sociedade se possa ter uma formação de

cidadãos críticos que adquiram uma avaliação, sem preconceitos e entendam que os usos não padrão da língua também são uma forma de comunicação tão importante quanto e como

Objetivos Específicos : Extrair uma reflexão em torno da norma padrão, da variação linguística e do preconceito linguístico no estudo formal; Caracterizar problemas e propostas para se combater tal preconceito linguístico e suas variações em sala de aula.

2. REVISAO BIBLIOGRÁFICA

2.1- Importância do Estudo sobre Preconceito Linguístico

Entendemos como preconceito qualquer sentimento depreciativo, um sentimento hostil, de intolerância e essa “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental” (BORTONIRICARDO, 2004, p. 35) ainda Faraco (2008, p. 31), afirma que “uma língua é formada por um conjunto de variedades”. Deve ser entendido pelas instituições de ensino e assim o indivíduo entender que ela pode ser usada para alavancar sua vida social e econômica e não se torna vítima desse processo, ao ponto de não participar de maneira efetiva chegando a considerar o conhecimento e o aprendizado como algo sem importância que pouco ou nada contribuirá para a sua vida em sociedade. A escola menospreza sua capacidade de agregar os vários tipos de linguagem pelo contrário o usa como uma prática de menosprezar essa rica cultura que é a linguagem. Concordando Leite, (2008, p. 13) esse autor entende da mesma forma e afirma que “Como a intolerância a linguística pode passar quase despercebida pela opinião pública e que ela não provoca sérios abalos sociais, da mesma forma que aqueles provenientes da intolerância religiosa ou política, parece não existir.” O que sabemos que é mentira. Com certeza, dá para entender que os preconceitos, conforme a autora, a de maior dano é o sobre a língua, pois nem sempre é percebida. Uma não é mais gravosa que a outra, todas têm suas consequências e ameaças já que é inimaginável achar que todas elas são de gravidades menor ou maior. Contudo a linguística tem a característica de passar alheia na sociedade e por isso mesmo é maléfica, como é bem apresentado pela escritora, Leite (2008, p. 13).

O estudo sobre o preconceito linguístico é essencial para entendermos a origem dessa discussão que se estende para outros preconceitos não somente o linguístico. Os vários tipos de preconceito que fazem parte da realidade da nossa sociedade atual e nos fazem refletir qual a contribuição das escolas onde o indivíduo inicia o seu aprendizado para a vida e permanecendo ao longo da vida permeando até a vida social e profissional dessas pessoas. Ainda colabora com essa interpretação o autor diz que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1997, p.16). O preconceito da linguagem, que favorece a língua padrão, tem destaque por meio das ideologias das elites que utiliza como um padrão a ser seguido para segmentar as pessoas, suas localidades e modos de vida utilizando um discurso tido como ideal que às vezes se torna claro e compreensível e outras traz a

verdadeira intenção de subjugar as demais variações linguísticas como se saber a norma culta fosse sinônimo de superioridade desprezando as demais variações e ao mesmo tempo o indivíduo como reitera Bagno (2009, p. 29): o discurso, muitas vezes não demonstrado, velado na atitude quem deveria utilizar seu conhecimento da gramática normativa como um instrumento de *distinção*, como se saber a regência “correta” do verbo *implicar* implicasse em algum tipo de vantagem, de superioridade intelectual, de senha secreta para o ingresso num círculo de privilegiados. (**grifos do autor**).

Acima de tudo quando algumas pessoas se utilizam do seu conhecimento para homogeneizar a educação e segmentar as pessoas causa perturbações que não tem nada a agregar se nenhum grupo ou autoridade fazem questionamentos esse processo se torna sistematizado e padroniza a língua portuguesa nas escolas. Destarte o pesquisador cita que um “quando um grupo social preponderante entender que a educação deve ser estudada por um processo de dominar e de evolução cultural, a forma de discursividade exercerá pressão sobre o modo de enunciação no sentido de que o enunciado se apresente dogmático e autoritário.” Voese (2004, p.54). Isso faz com que haja uma manipulação constante de todos que utilizam o ensino público.

O que Vemos é uma sociedade que faz as coisas conforme algum interesse e isso abrange tudo e por isso não se pode imaginar ocorrer diferente no ecossistema da educação. Exemplos para ilustrar esses interesses ocultos vão desde financiamentos até a modernização das escolas, como tecnologia, infraestrutura para a mesma e claro capacitação dos professores com isso percebe-se uma dimensão de interesses que visam somente a promover uma ideologia e não ao constante desenvolvimento do país. O autor completa "De certo modo falam a respeito de uma educação idealizada, ou falam da educação através de uma ideologia." Brandão (2004, p. 55).

Segundo o Anuário brasileiro de educação “Os significados embutidos em cada particularidade devem ser recuperados pelo estudo histórico, social e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano”. (BRASIL, 2000, p. 6). Segundo o autor Geraldi (2010b) que ainda questiona esse fato “Na verdade, o conceito parece surgir face à constatação de uma falta: um certo nível de incapacidade de sujeitos alfabetizados lidarem social e adequadamente com textos.” (2010b, p. 8). Claro que para combater o preconceito linguístico, somente o conhecimento. Ao utilizar o conceito de adequado ou não, visando ao uso do termo tidos como “erros do português” como inadequado e preconceituoso, “erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37).

Outra ênfase que contribuiu e ainda contribui para o preconceito linguístico é a tentativa irresponsável de se estipular um padrão único de escrita o qual deveria ser reproduzido por todos, menosprezando a ênfase ao fenômeno da fala. Se observarmos os livros utilizados no ensino vemos os autores apenas fixando-se à língua escrita utilizando adjetivos como: bela, pura, certa, desprezando a principal ou uma das principais formas de comunicação a língua oral, utilizando de mesmos adjetivos, mas com sentidos pejorativos alegando vícios e deturpações (BAGNO, 2009).

O que essas pessoas querem é nos obrigar até a falar identicamente como se escreve. Hoje é inacreditável ou impossível assimilar a língua oral e a escrita, sem desmitificar todos os processos existentes. O preconceito é algo totalmente ultrapassado, primitivo e sem lógica. A comunicação é um processo de mudança dinâmica e que é inerente a todas as línguas, que “mudam com o tempo e variam no espaço[6]” cita o autor (BAGNO, 2014, p. 22).

2.2 Importância das Variações na Educação Formal

O estudo das variedades linguísticas é imprescindível para ser elo ligação a aprendizagem e o respeito às diferenças de vocabulários. A presente monografia investiga e tenta explicar o surgimento das variações e a aquisição da linguagem, como o sistema formal de ensino pode se modificar a partir das variações linguísticas entendendo a importância do dialeto de cada ser. Fazendo essa compreensão escolas e professores devem buscar tornar o processo de ensino/aprendizagem dos alunos algo significativo e acima de tudo valorizando a individualidade.

A cultura está envolvida em movimentos artísticos, populares e comunicativos. A partir do entendimento do sociólogo Nildo Viana (2004), a linguagem é um fenômeno social e está ligada ao processo de dominação, tal como o sistema escolar, que é a fonte da “dominação linguística”. Dessa concepção entendemos que na linguagem buscamos identificar o preconceito linguístico, o qual é fruto da prescrição de uma gramática normativa para Gomes (2011) o preconceito “é fruto de uma tradição de tratamento da língua como um sistema rígido de leis a serem cumpridas e aquilo que não se cumpre é (julgado e condenado)”. Entretanto a autora cita que é muito relativo à concepção de certo ou errado, já que ainda segundo ela “o que é certo hoje pode não sê-lo amanhã”. Esse pensamento do que é certo ou errado está implícito em cada indivíduo que

ocupa a vida em sociedade então segundo a autora “uma pessoa normalmente é julgada pela forma como fala, mas, principalmente, pelo papel que representa na sociedade”.

Com tudo que foi apresentado então que é necessário direcionar o ensino à diversidade linguística, pois é ela que está presente no conhecimento desde a fase inicial até mesmo depois desse ensino e que seu conteúdo deve ser ensinado continuamente. Para Cagliari (2007, p 83) “o aluno entende que o respeito às variedades linguísticas muitas vezes significa a compreensão do seu mundo e dos outros e claro não é o real”.

Na aprendizagem da leitura e escrita, e a escola não pode discriminar o estudante pelo seu modo de falar, nem julgar se é certa ou errada, é preciso ensinar de acordo com o contexto em que são usadas as palavras, se formal ou informal. Para Barton-Ricardo (2004) que ao perceber a diferença na percepção das palavras na hora que se lê, nas regras que usamos que são padrão na escrita, o educador deve ser capaz de identificar essas diferenças, contudo, não deve reprimi-las, mas compreender o contexto que deve ser usado por cada aluno quando faz o uso da palavra.

A autora Heller (2004) verifica que é impossível o homem abolir sua particularidade, é algo inerente a ele, mas pode inserir-se em cada pessoa durante sua vivencia através da apropriação das adaptações que fazem e que são produzidas pela humanidade: “As formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras são a arte e a ciência.” (p. 26). Essas adaptações podemos entender que a autora estava se referindo a uma produção física e intelectual do conhecimento que todos podem apresentar.

Sabemos da grande contribuição que o dialeto traz para a educação formal, já que essa variação torna uma comunidade, um povo singular e que acrescenta e muito na educação formal. O dialeto é apresentado também como um aspecto essencial na educação, mostramos que a educação é dinâmica e singular ao mesmo tempo. Segundo Cunha (2008, p. 27) “a língua não se apresenta uniforme e única pelo contrário é dinâmica e viva ela apresenta variações, que variam conforme os grupos que a usem em diversas localidades em um mesmo país. Cada uma das variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades, essa forma singular que define um grupo, é chamado dialeto”.

Então entendemos como Dialeto o uso de “variações de uso regional, que se verificam na entonação, no vocábulo e em algumas estruturas sintáticas, essas variações se caracterizam em uma comunidade linguística delimitado por um determinado local” (Silveira, 2009, p. 89).

Sobre o idioleto, é um tipo de variação que designa o que há de individual na linguagem de um falante, seu repertório vocabular, o modo como pronuncia as palavras, como elabora as sentenças e assim por diante (Bagno, 2007, p. 47).

Contudo, é o professor o responsável por medir através da gramática formal sobre as diversas concepções que ela proporciona para então usar como instrumentos que podem auxiliar nos diversos fatores pedagógicos para a compreensão dos alunos e sua inserção ao grupo com sua forma de se expressar.

Logo, o ambiente sociocultural determina o nível da linguagem a ser empregado. Seu vocabulário, a sua sintaxe, a sua pronúncia e há também até a entoação, todas variam segundo esse nível de linguagem empregado. Além disso, outros aspectos podem ser considerados em relação aos níveis de variação linguística, ou seja, níveis em que essas variações ocorrem dentro de cada situação observada. Podemos citar: nível fonético-fonológico, nível morfológico, nível sintático, nível semântico, nível lexical e nível estilístico-pragmático.

2.3- Educação Popular como Forma de Combater Preconceitos

Entende-se como educação popular o método que defende que só pode haver uma sociedade justa e democrática se as classes oprimidas e discriminadas tomarem consciência de suas condições de vida e das raízes dos problemas que as afetam. No Brasil, o principal educador nesse tipo de educação é Paulo Freire que foi um dos principais disseminadores deste método.

É, contudo, possível entender a Educação Popular como uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, suas metodologias incentivadoras buscam à participação e ao empoderamento das pessoas contribuindo por um alicerce político estimulador de transformações sociais e orientado por liberdade, justiça e igualdade.

Cabe ao educador levar diversidade a sala de aula e com isso combater preconceitos pelas pessoas que acreditam que há apenas uma língua correta e não entendem que a diversidade é boa e ajuda a manter as relações interpessoais. Se apenas os estudantes lerem nos livros, pode ser que essa diferença não fique tão clara para eles. Exemplos de instrumentos que podem ser levados a todos são por meio de palavras e dialetos; músicas; contos populares; histórias de imigrantes; instrumentos musicais, entre outros. Como explica o autor Scherre (2005, p.138), faz parte da sociedade é seu legado maior, tenha ou não prestígio, e esse respeito deve ser

reverenciado por todos que fazem parte da comunidade. Com isso, a educação popular se torna um instrumento para atenuar o preconceito pela linguagem.

Quando pessoas acham que somente a gramática normativa pode acabar com esse tipo de fala mostra que o problema está mais enraizado e por isso precisa ser combativo de forma a ensinar aos futuros cidadãos que toda forma de se expressar é válida e isso é corroborado por Bagno “essas classificações são resultantes de visões de mundo, de juízos de valores, de crenças culturais, de ideologias e exatamente por isso estão sujeitas a mudar com o tempo” (BAGNO, 2007).

Ao levar novas formas de aprendizado aos estudantes e acolherem sua linguagem faz com que diminua os índices alarmantes de pessoas analfabetas, principalmente, no Nordeste e ao unir à educação formal a educação popular faz com que possamos diminuir esses índices.

Para Paulo Freire, que vê a educação como uma aprendizagem não neutra, mostra que ela contém uma intencionalidade política. Portanto, estima escolhas, que são movidas por ideologias estejamos ou não conscientes delas, junto aos conteúdos, às metodologias, ao planejamento, à avaliação, à comunicação, à convivência etc. que nos são passados. Essa Educação Popular que passa a ser âncora de práticas efetivas e comprometidas com as classes populares quando consegue estabelecer relações de respeito, de fraternidade com educandos, professores e tecendo horizontes em que todos possam ser iguais. Por possibilidades existentes que deve ser contada Freire conclui que, “enquanto presença na história e no mundo, esperançosamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança, na perspectiva de uma Pedagogia crítica” (FREIRE, 1983a, p. 53).

2.4- Descrição do Preconceito Sociolinguístico

Abordar em pleno século XXI, o preconceito linguístico, tema central da monografia, entendendo que este é o principal paradigma que encadeia ramificações e que precisa ser quebrado para que seja possível criar possibilidades de ascensão das classes menos prestigiadas, que por muitas vezes, são barradas em consequência da forma como falam e o que, muitas pessoas ainda acham, é visto como errado. “Nos seres humanos que usamos a língua para se comunicar, viver em sociedade e com ela se relacionar e demonstrar todas as emoções” (GOMES, 2011, p. 64). Com a dinâmica que a língua proporciona e que sempre está mostrando novas variações e que com o passar dos anos sempre evolui em uma comunidade ou em uma

região faz-nos Perceber, também, que essa evolução se dá justamente porque a língua é um organismo vivo, ou seja, está sempre em uso, é uma ferramenta essencial para a comunicação, especificamente, humana (ILARI; BASSO, 2011).

Ao olharmos por essa ótica, abordar-se-ão as diversas modificações existentes, em especial o dialeto regional que, por muitas vezes, é estigmatizado por não obedecer às regras impostas pela norma padrão (ILARI; BASSO, 2011).

O preconceito linguístico no Brasil se sustenta por dois fatores: o primeiro de caráter regional e o segundo de caráter socioeconômico. Esse preconceito apresenta uma grande extensão territorial ocupada por povos de várias culturas, como os índios brasileiros, imigrantes vindos de vários países europeus, entre outros exemplos que poderíamos citar aqui. Exemplo da grande diversidade social, cultural e regional que favorecem para as muitas variações linguísticas existentes no país, como explica Bagno (1998, p.09) no seu livro Preconceito Linguístico quando diz que “A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e mesmo assim querem fazer a gramática normativa uma tentativa de descrever apenas uma pedaço visível dele, que chamada norma culta”.

A diversidade regional ao longo da História do Brasil é rica e ao mesmo tempo marcada por grandes casos de preconceitos que marca a história brasileira e essa diversidade resultou em locais ricos e industrializados, e outros em retrocesso econômico. Por esse Motivo, existe a estigmatização das variantes faladas pelas pessoas das regiões mais empobrecidas, como a região Nordeste e a região Norte e outras que tiveram forte industrialização como a sudeste e sul são “conhecidas” por serem ricas e com forte presença da gramática formal.

Logo, Podemos concluir que, o preconceito linguístico ainda está atrelado a outros tipos de preconceitos existentes na sociedade Brasileira. A despeito disso, o professor, doutor em Filologia e linguista Marcos Bagno afirma que:

“O preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade, como

preconceito socioeconômico, preconceito regional, preconceito cultural, preconceito racial e a homofobia.”

2.5- Descrição do Preconceito Regional

Em um país continental como é o Brasil, sobretudo desigual, não é difícil imaginar que exista preconceito entre as diversas regiões, existindo até um sentimento de separatismo, por uma região achar que é superior a outra.

O preconceito linguístico, conforme se refere Marcos Bagno (2006) é considerado um fato social enraizado no comportamento de muitas pessoas. Comportamento como esse é ideologicamente assimilado nas relações sociais classistas de uma determinada sociedade. Para pessoas com uma percepção errada que acham inusitado dos usos linguísticos considerados “errados” ou estranhos é muitas vezes mostrado na mídia como algo bizarro e motivo de risos e justamente o uso dos sotaques e dialetos como forma de mostrar e estigmatizar ainda mais essas populações há ainda divulgações de produtos ou eventos de toda a natureza, principalmente, positiva.

Se imaginarmos como a língua e a sociedade se inter-relacionam de uma forma tão íntima que podemos afirmar que uma não existe sem a presença da outra. De modo que, a língua é um fenômeno social, e por ser assim que tem implicações psicológicas, fisiológicas etc. (BAGNO, 2006).

Segundo o autor Bagno (2006), Como a sociedade já enraizou atribuir a um local ou a um grupo de falantes o “melhor” ou o “pior” português, movimentando um preconceito que nunca terá fim e perpetuando ainda mais esse movimento em relação a fala de outras pessoas. Não existem dois falantes idênticos em uma mesma linguagem já que cada pessoa tem experiências distintas nessa mesma linguagem. Assim, a variação é indispensável a comunicação humana

Como cita Monteiro (2000), que o dialeto se refere a variedades que são gramaticalmente diferentes de outras variedades e nessas variedades pode se citar o sotaque que se é tido como às diferenças de pronúncia, variedade que é foneticamente e fonologicamente distinta de outras variedades e é característica de diversas regiões em uma mesma nação.

Segundo Bagno (2006, p. 75) que explica “os variados preconceitos junto com o linguístico introduzem-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as suas atitudes preconceituosas

se tornam parte essencial do nosso próprio modo de ser e de conectar com no mundo”. Ainda o autor cita como exemplo o nordeste que “Se o Nordeste é “atrasado”, “subdesenvolvido” ou “pitoresco”, então, “provavelmente”, as pessoas que lá nasceram e vivem e a língua que falam também devem ser considerada assim” (BAGNO, 2006, p.45).

2.6- Descrição do Preconceito Cultural

Sobre o preconceito cultural entende-se que é um preconceito contra pessoas em virtude de sua identidade cultural, que envolve não só sua nacionalidade, como suas tradições, suas crenças, seus costumes e seus hábitos etc. Na antropologia dá-se o nome de etnocentrismo à atitude de considerar a sua própria cultura superior à de outra pessoa. Esse tipo de preconceito cultural ainda é expressivo no Brasil.

A questão da educação intercultural como uma alternativa para contribuir com a superação do preconceito cultural existente na sociedade e os demais existentes por meio do contexto educacional. Paulo Freire (2003) usando os ensinamentos da relação dialética dos saberes:

“Não há para mim, na diferença e na ‘distância’ entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. Como verdade, a curiosidade ingênua que, ‘desarmada’, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, avaliando, aproxima-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto acessível e se torna curiosidade do conhecimento (p.32).”

Não podemos ignorar que “em cada contexto esta problemática adquire uma configuração específica, formulando com as diversas construções históricas e políticas-culturais de cada realidade” (CANDAUI, p. 236, 2012).

Santos (2010) “Em um sistema igual hierarquicamente, entretanto dominado pelo princípio da apartação o qual pertence-se pela forma como se é excluído. Sendo assim quem está em baixo, está fora” (p. 280).

Ainda podemos observar que uma prática discriminatória associada ao preconceito cultural é a xenofobia, ela que é a aversão ao estrangeiro (xenos, em grego, significa "estranho"). Esses indivíduos que praticam atos de intolerância contra pessoas que não pertencem à sua comunidade, sejam elas estrangeiras ou de outra região do mesmo país, são pessoas consideradas xenófobas.

Existe ainda uma curiosidade em relação à palavra: cultura. Que conforme explana Santos que nem sempre ela foi concebida ou compreendida como refinamento relacionado às pessoas. Ainda segundo Santos (1994), cultura tem origem latina e seu real significado relacionava-se ao cultivo da terra, a agricultura.

Então entendemos a cultura como “a superação daquilo que é dado pela natureza. Logo, é aquilo que o homem transforma” (ULMANN, 1991, p. 84).

Por fim entendemos “A cultura é agora o meio repartido e necessário, como o sangue vital, ou quiçá, então, a atmosfera distribuída minimamente, apenas no interior da qual as pessoas de uma sociedade qualquer podem respirar, sobreviver e produzir. Para essa dada sociedade, que tem em sua atmosfera um lugar onde podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a mesma cultura”. (GELLNER, 1983, p. 37-8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta bibliografia foi estudar os diversos tipos de preconceito existentes no Brasil um elemento de identidade e vínculo de uma cultura que tenta permanecer vivas e atuantes. Essa pesquisa nos possibilita estabelecer uma consciência acerca, principalmente, de manter viva essa identidade cultural e de pertencimento na esfera educacional e social.

Ademais, procurou-se apresentar as principais variações que fazem parte da cultura brasileira para desenvolver a pesquisa, com foco no preconceito e suas variações considerando ser de extrema importância apresentar que não há um método coerente.

Foi feita uma pesquisa com os mais renomados autores do tema e também de diversas fontes acadêmicas que foram usadas entre os subtemas da monografia. Acredita-se que, a partir da análise, que os objetivos específicos foram alcançados: i) examinar as variações linguísticas e suas consequências, realizando descrição detalhada de todas com análise; ii) mapear aspectos linguísticos mais evidentes refletindo cada coletividade. Assim, a presente pesquisa teve como fundamento identificar o perfil das pessoas praticantes e dos atores disseminadores, tentando entender qual a relação de pertencimento e vínculo que ambos têm com o preconceito e formas de conscientização.

Por fim foi abarcada todas as motivações socialmente simbólicas acerca da temática apresentada com marcação de formas existentes e indispensáveis nessas variações que sobrevivem há anos e são importantes para a sobrevivência dessas comunidades. Ainda nesta pesquisa estão atreladas a aspectos indenitários e de pertencimento de grupo, revelando-se, principalmente, como ainda sobrevive às transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. A Norma Oculta: Língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo, 5ª ed. Parábola, 2005. _____. (2007). Nada na Língua é Por Acaso. São Paulo. Parábola.

BAGNO, M. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. 47. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico, Loyola, 52ª edição. São Paulo, 2009.

BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

Bagno, Marcos. A língua de Eulália: Novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 123 p.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. Educação em língua materna: A sociolinguística na 7ª sala de aula. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. In: Educação e Sociedades, Campinas, v.33, n.118, p.235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. Recife, Dissertação de concurso para a cadeira de História e Filosofia da educação na escola de Belas Artes de Pernambuco. Recife, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da tolerância. São Paulo: UNESP, 2004.

GELLNER, E. Nations and Nationalism. Oxford: Blackwell, 1983.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 1 – TP1: linguagem e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 174p.: il. GOMES, Maria Lucia de Castro. Metodologia do ensino de língua portuguesa-2 ed. Ver. E ampl. – Curitiba: Ibpex, 2001.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. Metodologia do ensino de língua portuguesa. Curitiba: Ibpex, 2011.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2004, p. 17-41.

ILARI, R., BASSO, R. O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2011.

LEITE, Marli Quadros. Preconceito e intolerância na linguagem. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, P. T.; SANTOS, R. T. Implicações de uma análise lingüística variacionista a partir de uma perspectiva discursivo-pragmática: um estudo inicial sobre o futuro do português brasileiro. Juiz de Fora, Revista Gatilhos, 2000.

SANTOS, J. L. dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Boaventura Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SUASSURE, F. de. Curso de linguística geral. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009. P. 89.

SCHERRE, M.M.P. (2005). Doa-se Lindo Filhotes De Poodle: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo, Parábola.

ULMANN, R. A. Antropologia: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

VIANA, Nildo. Educação, linguagem e preconceito linguístico. Plurais. Vol.01,n.01.Jul/Dez.2004.

VOESE, Ingo. Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa. São Paulo: Cortez, 2004.